



COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE MULHERES NO BOLETIM O CANDEEIRO¹

SILVA, Catarina de Angola Oliveira²; SANTOS, Maria Salett Tauk³

² Mestra em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, catarinadeangola@gmail.com

³ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, mstauk@hotmail.com

RESUMO

O seguinte trabalho analisa as representações sociais de mulheres rurais no boletim O Candeeiro, da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). A abordagem teórica é na perspectiva da comunicação para o desenvolvimento, e das representações sociais via Moscovici (2015) e Jodelet (2001). No aporte metodológico foram utilizadas a análise de discurso, via Orlandi (2000), além de técnicas combinadas de coleta de dados. As representações sociais sobre as mulheres no boletim reforçam a imagem da mulher associada ao trabalho reprodutivo e produtivo.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação para o desenvolvimento, mulheres rurais, representações sociais, Articulação Semiárido Brasileiro.

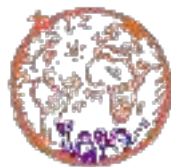
INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho consiste em investigar as representações sociais sobre mulheres rurais no boletim O Candeeiro, da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). Especificamente o que se quer compreender é de que maneira as mulheres são representadas nesse meio de comunicação. O Candeeiro é produzido pela Rede de Comunicadores e Comunicadoras Populares da ASA, no âmbito do Projeto Uma Terra e Duas Águas (P1+2). Tem como proposta sistematizar experiências da agricultura familiar no Semiárido brasileiro, como forma de registrar histórias de vida, saberes populares, técnicas e práticas de convivência com a região a partir do olhar e das vivências da população. Com O Candeeiro, a ASA se propõe a fomentar o protagonismo dos agricultores e agricultoras no processo de registro da história do Semiárido.

A Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) é uma rede que reúne mais de três mil organizações da sociedade civil, entre sindicatos, grupos, associações, Igrejas, entre outras, em dez estados das regiões Nordeste e Sudeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe), que propõe e executa políticas de convivência com o Semiárido, objetivando o desenvolvimento local da região. A ASA desenvolve o Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido, que abriga os programas Um Milhão de Cisternas (P1MC), Uma Terra e Duas Águas (P1+2), Cisternas nas Escolas e Manejo da Agrobiodiversidade – Sementes do Semiárido. A articulação também promove a comunicação como importante estratégia para sua política e como direito humano.

A ASA surgiu em 1999, sua primeira proposta ao governo federal foi o Programa de Mobilização e Formação Social para a Convivência com o Semiárido – Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC), como forma de garantir acesso à água de forma descentralizada para um milhão de famílias do Semiárido brasileiro, através de cisternas de placas que colhem água das chuvas. A ASA é uma rede de referência no Semiárido brasileiro, que tem como principal ação o projeto político de convivência com a região. E, desde sua formação,

¹ Texto parte da dissertação de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), intitulada Comunicação para o Desenvolvimento na Articulação Semiárido Brasileiro (ASA): Análise das Representações Sociais sobre Mulheres no Boletim O Candeeiro.



explicita a necessidade de políticas que priorizem mulheres e jovens. A ASA ainda na Declaração do Semiárido, em 1999, afirmava que:

[...] homens e mulheres, adultos e jovens podem muito bem tomar seu destino em mãos, abalando as estruturas tradicionais de dominação política, hídrica e agrária. [...] O Programa constitui-se, também, de seis pontos principais: conviver com as secas, orientar os investimentos, fortalecer a sociedade, incluir mulheres e jovens, cuidar dos recursos naturais e buscar meios de financiamentos adequados. (ASA, 1999, p.2).

Ao longo dos anos sua ação cresceu e possibilitou a implementação de outros programas que chegam as famílias do Semiárido, realizando também a estocagem de água para produção de alimentos e criação de animais e água para escolas da região. Levantando também a discussão da educação contextualizada, além da estocagem de sementes crioulas, para preservação da agrobiodiversidade. A ASA considera a comunicação como ação estratégica na política de convivência com o Semiárido. Com isso, implementou uma dinâmica descentralizada de comunicação popular utilizando diversos meios de comunicação, entre eles o boletim impresso O Candeeiro, construído pela Rede de Comunicadores e Comunicadoras Populares da ASA. Os integrantes da rede, que é formada por comunicadores populares, alguns com formação profissional em jornalismo, realizam as entrevistas com os agricultores e as agricultoras, e redigem os textos dos boletins. Eles integram as equipes de organizações que fazem parte da ASA. Cabe a esses profissionais, integrantes da Rede de Comunicadores, como explica Brochardt, (2015, p.09) "serem mediadores da comunicação entre as organizações locais da ASA, os agricultores e os meios de comunicação existentes em seus territórios".

Este trabalho visa trazer um olhar específico para a representação sobre mulheres no boletim O Candeeiro. As mulheres em estudo são de um espaço rural do Semiárido brasileiro, lugar estigmatizado como inviável para se viver e produzir. E nesse contexto, as mulheres sentem ainda mais os impactos das adversidades climáticas nos períodos de secas. Na lógica da sociedade patriarcal, em que o homem trabalha fora e a mulher é responsável por todo trabalho reprodutivo sozinha, muitas mulheres do Semiárido, nos períodos de grandes secas, ficavam com seus filhos e viam os homens (pais e maridos) migrarem para outras regiões em busca de trabalho e renda. Sozinhas enfrentavam os longos períodos de estiagem, lutavam por melhores condições de vida, buscavam a água e procuravam formas possíveis de produção.

Nos últimos anos, políticas de convivência com o Semiárido, propostas por organizações da sociedade civil, como a ASA, e implementadas pelo governo federal a partir dessa proposição, possibilitaram o acesso à água e o reforço à produção de alimentos. Realidade que há cerca de 20 anos era impossível para a agricultura familiar no Semiárido. Essas ações têm contribuído para o desenvolvimento da região, e para a democratização do acesso à água e alimentação para a população. No entanto, apesar dessas conquistas, as mulheres, em geral, não deixaram de serem as únicas responsáveis pelo trabalho reprodutivo em suas casas, e ainda realizarem outras atividades produtivas que, ao longo do tempo permanecem invisibilizadas, como assinalam Rejane Medeiros e Mábria Oliveira (2008, p. 43):

É considerado produtivo tudo que gera riqueza e que geralmente aparece como sendo exercido pelos homens. Já o reprodutivo é realizado pelas mulheres no cuidado da casa, marido e filhos. Um trabalho que nunca acaba, pois, são as mulheres as primeiras a acordarem e as últimas a descansarem.



Nesse sentido, observa-se que somente o acesso às tecnologias sociais não tem sido capaz de promover mudanças determinantes nas relações entre homens e mulheres no Semiárido brasileiro. Tais tecnologias contribuem nesse processo, mas é necessário que as lutas e proposições que vêm sendo construídas pelas mulheres rurais, há anos, possam ser incorporadas ao debate político de convivência com o Semiárido. Há que se considerar que o Semiárido está inserido numa estrutura patriarcal e machista, assim, a experiência da ASA também sofre a influência desse contexto. Apesar de reconhecer, na sua proposta de trabalho, a necessidade de valorização da mulher, da importância de sua força de trabalho e da necessidade de registrar experiências e práticas das mulheres agricultoras familiares.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e analítico, trata-se de um estudo de caso, que utilizou técnicas combinadas de coleta de dados, como a pesquisa bibliográfica, para construir o arcabouço teórico do estudo; a análise documental, para exame dos documentos da ASA, na perspectiva de um resgate histórico da rede e da sua proposta de ação; além da análise do discurso da ASA, no boletim O Candeeiro. Foi ainda procedida a observação direta durante os Encontros da ASA com as mulheres do Semiárido; além da realização de entrevistas semiestruturadas com a coordenação do P1+2 e da Assessoria de Comunicação da ASA (ASACom); com duas coordenadoras executivas da ASA, e com três comunicadoras da ASA em Pernambuco.

No estudo, foram analisados boletins produzidos pela ASA no estado de Pernambuco entre 2013 e 2014, por ser um período de expressivo número de edições do boletim publicados, devido à quantidade de projetos que a ASA executava naquele momento. Nesses dois anos a ASA publicou 880 edições do O Candeeiro, em nove estados do Semiárido. Foi realizado um estudo exploratório dos 117 boletins publicados em Pernambuco nesse período. Desses 117, a análise se ateve aos 36 boletins que tratavam sobre mulheres.

A ASA parte do conceito de família para a produção das sistematizações. Logo, por vezes, mesmo a experiência sendo protagonizada por uma mulher, ela terá, em sua maioria, uma referência direta aos outros membros familiares, em especial, maridos, filhos e filhas. Para orientar nossa análise, classificamos como experiências sobre mulheres àquelas em que elas são protagonistas e cuja a história é contada a partir da fala delas. As edições do O Candeeiro analisadas são resultados de sistematizações realizadas por 16 organizações da ASA em Pernambuco, nas regiões do Agreste e Sertão. A opção pela análise do material produzido em Pernambuco se deu por ser o estado mais próximo do nosso campo de pesquisa e também pelo conhecimento maior da pesquisadora sobre as ações da ASA neste território. Os boletins sobre mulheres produzidos em Pernambuco nesse período foram analisados, um a um, a partir da categoria: Representações sociais sobre mulheres, que abriga as subcategorias: mulher na família; e mulher profissional.

Analisamos a categoria acima a partir da teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici que reforça o espaço social como lugar de construção das representações, que afirma que “tendemos a considerar e analisar o mundo de uma maneira semelhante; especialmente quando o mundo em que vivemos é totalmente social” (MOSCOVICI, 2015, p. 33). Para isso, o contexto no qual as representações que investigamos estão imersos se faz necessário para que tenhamos elementos que nos ajudem a investigar os



fenômenos das representações. Pois para o autor “todas as interações humanas, sejam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações”. (MOSCOVICI, 2015, p.40).

Para o autor, as representações sociais têm por finalidade transformar algo não familiar em familiar, ou seja, criar consensos, o que facilita que os fenômenos sejam compreendidos. E ao estudar essas representações, devemos sempre descobrir a característica não familiar que a motivou, que esta absorveu. (MOSCOVICI, 2015, p. 59). E para transformar algo não familiar em familiar, se faz necessário dois mecanismos de um processo de pensamento, ou seja, formas de lidar com a memória, segundo Moscovici. Esses mecanismos são a ancoragem e a objetivação.

Ancoragem é apresentado por Moscovici (2015) como classificar e dar nome a alguma coisa. Pois o que não tem nome passa a ser estranho e assim ameaçador, o que faz com que as pessoas se distanciem. E não causar resistência significa torná-lo comum, conhecido, dar nome. Para o autor, “classificar algo significa que nós o confinamos a um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é, permitido, em relação a todos os indivíduos pertencentes a essa classe” (MOSCOVICI, 2015, p. 63). Já a objetivação é transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico (MOSCOVICI, 2015, p. 61). Ou seja, “produzir um conceito em uma imagem” (MOSCOVICI, 2015, p. 72).

Esses mecanismos transformam o não familiar em familiar transferindo-o a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo; e depois, reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar, e, conseqüentemente, controlar. (MOSCOVICI, 2015, p.23)

As representações sociais estão em diversos espaços. A pesquisadora Denise Jodelet (2001) coloca que elas também “circulam nos discursos”. É precisamente no discurso do boletim O Candeeiro que fomos investigar representações sociais sobre mulheres rurais. Entendendo, como coloca Orlandi (2000), que “não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparente cotidiano dos signos” E é se utilizando da análise de discurso, na perspectiva da escola francesa, que buscamos entender como os textos significam, seguindo as pegadas da autora no sentido de que “a entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar” (ORLANDI, 2000, p. 09).

Neste sentido, não estamos analisando o texto em si, não analisaremos a gramática, mas os sentidos que os textos constroem. De antemão, colocamos que este é um estudo que leva em conta o contexto em que está inserido e em que o discurso foi construído, e que os resultados aqui apresentados partem de um método, mas também a partir da perspectiva da qual nos propomos. Isso porque os sentidos se constroem a partir desse contexto, a partir dessa “exterioridade”, como afirma Orlandi, é isso que a análise de discurso busca fazer:

Compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os:

Próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real sentido. [...] Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. (ORLANDI, 2000, p. 27).

As condições de produção do discurso são compostas pelos “sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso” (ORLANDI, 2000, p. 30). Essas condições de produção seriam



formadas então pelo interdiscurso e pelo intradiscurso. O primeiro seria nossa memória, ou seja, “todos os dizeres já ditos e esquecidos”. Pois para Orlandi (2000, p. 27), “todos esses sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes, têm um efeito [...]” sobre algo que é dito. Já o intradiscurso seria o que está se dizendo agora nas atuais condições. Por isso é necessário que não deixemos de considerar as condições de produção de um discurso, o que ele carrega consigo de historicidade, mas também em que contexto ele está sendo colocado no exato momento de sua construção.

A partir desse caminho, avaliamos que é possível chegar às representações sobre mulheres presentes no boletim O Candeeiro. Para isso, trataremos a seguir do contexto no qual esta pesquisa está inserida, o Semiárido brasileiro, suas características e imaginários fortalecidos ao longo dos anos, mas também a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), sua atuação e sua ação de comunicação em que está imersa no boletim O Candeeiro, nosso objeto de estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do tempo, a história da região semiárida brasileira foi contada de forma a favorecer a perspectiva da “Indústria da Seca”, ou seja, fortalecer a estratégia política utilizada para criar dependência da população na ação de alguns políticos e coronéis. A história que foi disseminada é que, onde o clima Semiárido predomina, tratava-se de região seca e por isso inviável, e sua população vista como incapaz e sua imagem reduzida a pobreza e fome.

O Candeeiro, da ASA, é um material de comunicação de caráter informativo, no qual a articulação se propõe a sistematizar experiências da agricultura familiar do Semiárido brasileiro. Realizada, em especial, pelos comunicadores e comunicadoras que estão vinculados às organizações que compõem a ASA e executam os programas P1+2 e Sementes do Semiárido. A ASA já produziu e publicou 2.324 edições do boletim impresso O Candeeiro. A sistematização de experiências se apresenta como um processo de reflexão da prática e registro, de construção do autoconhecimento, o intercâmbio de experiências. Para Holliday (2006, p 24):

Sistematização é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionaram entre si e porque o fizeram desse modo.

O Candeeiro tem versão impressa, publicado desde o início do P1+2, em 2007, e uma versão em banner, publicado desde 2012. O banner é uma produção que não está vinculada a versão impressa e tem o foco em imagens. Neste estudo, nossa análise se dá sobre O Candeeiro na versão impressa, que geram boletins de duas ou quatro páginas, no tamanho A4. O informativo tem um mesmo modelo para cada rede estadual que o publica (Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe), no entanto, conta com uma identificação em cores diferentes para cada um desses estados.

A cor que sinaliza que o boletim é de uma experiência em Pernambuco é a cor verde. Cada tiragem conta com 1.000 exemplares, entregues à família sistematizada, para uso da forma que desejarem. A partir de 2013 a ASA disponibiliza os exemplares dos boletins O Candeeiro em sua página na internet. Lá é possível não só acessar os boletins, mas também fazer o download de cada um deles.



Na pesquisa, encontramos 36 boletins com sistematizações sobre mulheres, realizadas pela ASA em Pernambuco no período estudado, o que significa 30% dos 117 boletins analisados a partir da categoria estabelecida neste estudo: Representações Sociais sobre Mulheres.

Mulheres e representações

Ao analisar a subcategoria *Mulher na família*, observamos que a mulher é representada como mãe e esposa, responsável pela educação dos filhos e que “ajuda” nas tarefas produtivas. Poucas vezes está dito literalmente, mas por vezes está implícito que é ela a responsável pelas tarefas da casa, do trabalho doméstico. Como podemos observar no seguinte trecho: “Mãe de 10 filhos, ela precisava trabalhar desde cedo para sustentar a família, enquanto o marido tentava a sorte nos grandes centros” (O CANDEEIRO No 1711, 2014).

A expressão “precisava trabalhar” deixa subentendido que as mulheres em geral não precisam trabalhar fora de suas casas e que, quando isso acontece, é uma exceção no papel da mulher. Além disso, não leva em conta que as tarefas domésticas são trabalhos e que elas também têm valor econômico agregado. É uma constante dos boletins, trazer a responsabilidade com os filhos. Muitas vezes não trazidas nas falas das mulheres, mas, reforçando a ideia naturalizada de responsabilidade unicamente das mulheres.

Ter a liberdade e o prazer de estar onde se quer; no lugar que se escolheu para viver, criar os filhos, produzir e comercializar [...] Essa foi a alternativa escolhida pela agricultora familiar Luzia Maria da Silva, 40 anos, mãe de cinco filhos, e moradora do Sítio Serra Grande, também conhecido como Sítio Serrinha, de dois hectares, no município de Jupi, localizado no Agreste Meridional (O CANDEEIRO No 2050, 2014).

Analisando falas das mulheres trazidas nos textos encontramos por vezes outras perspectivas, como a da mulher longe da ideia de fragilidade, na perspectiva da luta diária: “Minha vida diária é um desafio, uma luta. Mulher não é sexo frágil. Eu acho que a prova tá aí, todos os dias” (O CANDEEIRO No 1829, 2014).

Na subcategoria *Mulher profissional* as mulheres são representadas como agricultoras, que tem um trabalho realizado, em sua maioria, no arredor de casa e que “ajudam” o marido no restante da lavoura. Os relatos de suas práticas são em geral na agricultura. Apenas em dois textos aparecem como artesãs.

Nenhuma outra profissão é trazida nas atividades exercidas atualmente pelas mulheres sistematizadas no corpus analisado.

Agricultora desde criança, produz grãos como feijão e milho, e hortaliças como pimentão, cebolinha, coentro, jerimum, pepino e alface. Produzidos de forma orgânica (sem a utilização de agrotóxicos), os alimentos, por enquanto, servem apenas para consumo próprio (O CANDEEIRO No 1135, 2013).

Em geral os boletins não falam do trabalho doméstico, o trabalho da família é sempre trazido na produção fora de casa. E quando o assunto é abordado nos boletins ele aparece como responsabilidade da mulher. O que traz a questão de que as mulheres mais uma vez são retratadas como as únicas responsáveis por essas tarefas. Assim como o trabalho dos cuidados, que aparece apenas em dois boletins mas também aliado às mulheres.

Para que pudesse cuidar melhor de seus pais, dona Maria os trouxe para morar com ela. Seu pai faleceu há sete anos e sua mãe, há um ano. Logo depois, dona Maria teve uma trombose na perna e, apesar de tantas dificuldades, ela até hoje não desiste de seus sonhos (O CANDEEIRO No 1451, 2013).



Algumas atividades realizadas por mulheres são trazidas como atividades secundárias e aparecem como algo que se atribui pouca importância. A importância fica pelo fato dela ser mulher cuidadora: “Enquanto o pai saía para trabalhar e garantir o sustento da família, a mãe repassava para as filhas técnicas de bordado de crochê, de artesanato e também de pintura de panos de prato” (O CANDEEIRO No 1824, 2014).

Apesar dessa tônica predominante ser representada, observa-se um esforço em alguns boletins analisados em trazer outras perspectivas. Alguns contrapontos são abordados no texto, valorizando os diversos trabalhos realizados pelas mulheres e os colocando em pé de igualdade e importância com outras atividades produtivas, além de realçar a sua contribuição à luta política. Esse olhar existe em algumas sistematizações, a exemplo do texto a seguir:

Aos 74 anos, já com as mãos calejadas, contribuí para a economia da família com o cuidado das tarefas domésticas. ‘Eles vão para o trabalho e eu vou para a luta’. É assim que Dona Margarida se refere ao seu trabalho diário. As refeições da família, varrer o terreiro, a limpeza da casa, a alimentação dos pequenos animais, o cuidado com a higiene das roupas e ainda a produção do queijo coalho, são algumas das atividades que realiza diariamente (O CANDEEIRO No 1366, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É por meio do boletim O Candeeiro que o protagonismo das mulheres na convivência com o Semiárido, tais como, a gestão das águas, a conservação e multiplicação da biodiversidade, através do cuidado com as plantas e da estocagem de sementes crioulas, está registrado e sistematizado. É também no O Candeeiro que está registrada a importância do acesso à água, a partir de sua democratização com as tecnologias sociais de captação de águas das chuvas, como fruto da ação da sociedade civil na incidência de políticas públicas, e o impacto dessas políticas na vida das mulheres. E de como elas transformam essa ação em outras atividades que impactam a vida de seus familiares, como na alimentação, na diversidade da produção, no cuidado com a água e na gestão dos pequenos animais. Assim como a participação delas em espaços de formação, o que possibilita a troca de conhecimento com outras mulheres e homens.

No entanto, a partir das análises d'O Candeeiro, percebemos que as representações sociais sobre mulheres presentes no boletim são fortemente marcadas pela dimensão reprodutiva e produtiva. São mulheres trabalhadoras e mães, que tem seu trabalho valorizado na condição de agricultoras, que também trabalham em casa, mas que de forma geral o trabalho doméstico, de cuidados, e suas aspirações, ficam invisibilizados. Encontramos mulheres que têm dinâmica diversificada em suas propriedades, gerenciam a água, produção de alimentos para a casa ou para comercialização, estão organizadas ou participando de espaços políticos. Mas é importante ressaltar que as representações das experiências das mulheres agricultoras familiares do Semiárido, no boletim, omitem as subjetividades dessas mulheres. O que pensam da sua condição; o que aspiram para a vida pessoal.

REFERÊNCIAS

ASA. **Declaração do Semiárido**, Recife: 1999.

ASA. **História**. Disponível em: < <http://www.asabrasil.org.br/sobre-nos/historia>> Acesso em: 10 nov. 2017.



ASA. **O Candeeiro**. Disponível em: < <http://www.asabrasil.org.br/acervo/o-candeeiro>> Acesso em: 24 nov. 2017.

BROCHARDT, V. S. **Comunicação popular no Semiárido**: a experiência da ASA. Brasília: Intercom, 2015.

HOLLIDAY, O. J. **Para Sistematizar Experiências**. Brasília: MMA, 2006.

JODELET, D. **Representações sociais**: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro, UERJE, 2001.

MEDEIROS, R.; OLIVEIRA, M. **A perspectiva feminista e a agroecologia na assessoria técnica realizada pelo Centro Feminista 8 de Março**. In **Cadernos Feministas de Agroecologia e Política**. Recife: Casa da Mulher do Nordeste, No 4, 2008.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2015.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.